

DUAL DE BRAVOS

BETO VIANNA

Estamos em 1916. Lee "Queen" Stick era assim alcunhado na mesóclise pois quando pequeno sofria de indefinição de gênero, apesar do trato vocal bastante longo. Fodor no gatilho, vivia na pacata iconicidade de Bloom Field, Arizona, com a sua müller, uma imigrante helenística de onomos Antropoula Gina. Lee e Gina eram donos de um circo, cuja martinet - com divertidas representações de bonobos mestrados, engolidores de fogo e outras coisas perigosas - era o único referente de lazer da cidade, anafora o x-bar "Lácio de Couro", que vendia cognac falseável. Como toda müller, fogo e outras coisas perigosas, Gina era uma fonte de preocupações para o possessivo Lee, pois, além de muito boas, tinha a péssima mania de andar simbolando indexentemente por Bloom Field com uma estilística sumária e um par mínimo de tecidos ocludindo as partes do discurso. Conhecendo a fama explosiva de Lee, poucos caubopps atreviam-se a dar mais que uma superficial semiótica na classe aberta de Gina, por mais motivacional que fosse o observar da sua forma lógica.

Zellig "Cactus" Harris era um pistoleiro temido, cujo maior traço semântico era a crueldade, e o maior predicativo, uma escoeta Winchgenstein idiomática. Era, em abstract, um homem sem princípios nem parâmetros, um verdadeiro crátilo que vivia atormentando os cidadãos de Bloom Field. De origem indo e européia (filhólogo de uma corretora de seguros athabaska e um judeu ucraniano), Harris desprezava os emergentes mandarins da América e invejava o círculo de regências e ligações de Lee, que c-comandava Bloom Field. Aquele era um período clítico para a aquisição de um recorte dos negócios no velho ouastin. Só uns poucos seriam hegemônicos, com dominância direta sobre os verbos de subvenção. "A bolsa ou a vida" era o rhema daqueles tempos pouco sofisticados, e Harris era um prototípico pragmatista, para quem só vale o que está sanscrito se for cientificamente interessante: se for kosher.

Um belo diacrítico, Harris entra na cidade montado em seu cavalli-sforza, o fiel Ferdinand. À porta do Lácio de Couro, o bandido vocaliza com toda a sua grave acústica: "Lee, quero fazer um tractatus contigo. Estou volitivo a ser teu sócio Lee Queen Stick! 2a p. s. não te

ZELIG "CACTUS" HARRIS ERA UM PISTOLEIRO TEMIDO, CUJO MAIOR TRAÇO SEMÂNTICO ERA A CRUELDADE, E O MAIOR PREDICATIVO, UMA ESCOETA WINCHGENSTEIN IDIOMÁTICA. ERA, EM ABSTRACT, UM HOMEM SEM PRINCÍPIOS NEM PARÂMETROS, UM VERDADEIRO CRÁTILLO QUE VIVIA ATORMENTANDO OS CIDADÃOS DE BLOOM FIELD



LEE MARVIN EM "CAT BALLOU"

arrependerás!" Lee não precisou analisar muito o discurso de Harris para assimilar o que estava subjacente à sua estrutura profunda. Lee conhecia aquele papiamento furado e não iria cair na sua rede neural. Sapir que Harris era um falso amigo, cuja única intencionalidade era ver o circo pegar fogo e outras coisas perigosas. O caubopp sai pra foley do x-bar e redundante, irônico: "Como vão indo as res, comrada Harris? Vejo que não desistiu de sinalizar com a mão pro meu negócio. Porque não entra e joga uma partida a valência comigo? Apôsto uma garrafa de vodkativa como não me vence" Harris, um viciado sincrônico no jogo do pinker, não resiste ao apelativo à sua natureza e cultura. O relativismo de Lee Queen Stick deixa os presentes sem língua nem fala, e todos ficam na interrogativa: não seria arbitrário Lee interagir com tal reciprocidade com esse sujeito negativo, que só vem à cidade causar fusão?

Mas Lee não estava sendo literal. Aproveitando-se dos variacionais jargões de vodkativa Trubetskoy aspirados pelo bandido, rumbaugh no jogo descaradamente, superando a competência instintiva de Harris no pinker. Abusou da performance com as cartesianas até deixar Harris sem um vestígio na bolsa. Harris sai cambaleante e arruinado do x-bar, conotando o Circo Lee Queen Stick das pragas mais superlativas, comportamento ver-

bal capaz de fazer calão os insultos mais baixos! O vilão estava total mente e corpo transformacional pela combinatória da raiva e os efeitos da vodkativa, habblando de ódio, como se corporificado pela peste ebônica ou empírico por uma overdose de lexicotan.

Ao perceptual Gina transitiva pela rua, Harris abre um sorriso sintagmático, determinista a vinnyarde-se de Lee. Em um impulso de criatividade infinita, o fascinoxímora tira a hopi, colocando seu diagrama em árvore pra foley e deixando Gina afásica. Harris premissa o cano da Winchgenstein na rosetta da pobre müller e ídiche sibilante em seu ovídio: "Dá-me um beijo ágora, ou temático". Gina, não-opcional, bilabial o bandido. Nesse exato momento, Lee sai do x-bar. Observador dos dois ali encaixados, fricativos com suas línguas em contato, o caubopp fica furiosamente verde de incólora. Gina tenta explicar-se, implosiva: "Lee, meu amor! Noam o que você está pensando! Oh, meu Dêítico, que tragédia!" Mas Lee, surdo e oclusivo de ciúmes, não é capaz de escutar chomsky nenhuma.

Volta metafórico para o Lácio de Couro, pidgindo ao x-barman sua antiga Labov lacano duplo. Na davidson, o comerciante achou zamenhof manter o bickerton fechado e entregar o instrumento dialetal ao herói. Só Zwicky the Kyd, que ostentava o distintivo de xefirth da cidade, tenta dissuadí-lo: "Sem port-royal e o registro da arma, Lee, tenho que lhe dar voz de aprendizagem". Mas toda súplica era categoria vazia. Lee mira na direção de Harris e ouve-se o clique da Labov engatilhando, toda a cidade tense, em atenção conjunta esperanto o pior. Harris cura-se do fogo diante das outras coisas perigosas que o contexto apresentava e, saltando sobre o fiel Ferdinand, dispara a gallup, indo árico para a clause. Era tarde. As balas se metáfora dos tubos, seguindo um objeto direto para o umbro de Harris. Já bem longe, supino no desfiladeiro, Harris, ferido, ainda tem a capacidade inata de ouvir o ato ilocucionário de Lee: "Você não vai fazer de Bloom Field uma cidade sem lei de grimm, seu verner! Já akabson com você!"

Harris consegue enfim alçar à sua clause na colina. Dolorido e líquido de sangue, tomasello uma interjeição de morf fonêmica e um flex para apassar a dor. Faminto e conceito, bérbere um tokpisin de leite com mangamorre, e já num período composto em seu acento, começa a devanagari sobre a relevância do seu situacional. Sapir que dali pra frente estaria marcado enquanto Lee Queen Stick fosse vivo, e teria que aglutinar todo o seu pensamento, linguagem e problemas de conhecimento para retornar a uma derivação não-marcada. Não podia desafiar seu algoritmo para um dual, pois isso seria de uma idiolecte hiperbólica. Consoante a comparativa superioridade de Lee no gatilho, teria de operar uma mudança paramétrica de modo racionalista, mas com tantas variantes, como desfazer a ambigüidade? Desperta então uma idéia furiosa, que resolveria infinitivamente a dicotomia. Depois de muito maturana, Harris

**O VILÃO ESTAVA TOTAL MENTE E CORPO
TRANFORMACIONAL PELA COMBINATÓRIA
DA RAIVA E OS EFEITOS DA VODKATIVA,
BABBLANDO DE ÓDIO, COMO SE
CORPORIFICADO PELA PESTE EBÔNICA
OU EMPÍRICO POR UMA OVERDOSE DE
LEXICOTAN**

forma lista dos mais temidos bandidos do entorno de Bloom Field e, ali mesmo pelo alofone, contrata-os como aux. Estrutura a lista com parcimônia minimalista, reunindo os piores tipos e tokens de módulo a não deixar chance ou necessity para Lee. “Qualia sujeito”, pensa satemfeito Harris, “ágora terá coragem de ficar de grice comigo?”

Cuneiforme Lee internalizava em seus espaços mentais a própria vinnyança, decide tomasello precauções isomórficas às de Harris. Dedutivo à não competência dos cidadãos anglo-germânicos no manejo das armas, busca ajuda externalista: segue para o periférico Hallidey, um goethe de ex-eslavos crioulos. Os crioulos eram conhecidos universalmente por falar uma protolin-guagem particular, pelo trabalho de campo em um terreno gramático às margens do lakoff Saint-Georges, e o cuidadoso tratamento dos dados envenenados. Como bons kristangs, os crioulos logos concordam em patuá com o caubopp. Infelizmente, o sistema Lee Queen Stick não seria funcionalista, pois o que Lee não sapir é que seu próprio cavalli-sforza - o falsete Clever Hans - era formante de Harris (Clever Hans era parentético de Ferdinand, o que explica, mas não justifica, sua deslealdade). Sendo burrhus falante, o hippônimo não tardou a decodificar para seu factual mestre todo o esquema conceitual do acoplamento de Lee com os crioulos.

Munido da informação e reunido o superestrato de marginais, Harris inicia a operação sintática em Bloom Field. À sua word order, ora são intercalados seus criptotipos por todas as skimmers da cidade, ora o bantu é preposicionado de forma a não dar indiciais de sua presença. Os sujeitos ocultos preparavam-se para embosquifmano Lee e os crioulos, quando, bem no ponto de articulação, Harris não consegue reprimir seu language instinct e exprime, fonológico: “Mãos ao alton, babecker, você está cercado, pro-drop sua...”. Lee ouviu o sonoro clique da Winchgenstein de Harris, que armava-se para meter fogo e outras coisas perigosas em nosso herói, mas esse foi mais gerativo. Falantes que se ouviu o complemento verbal de Harris, ele contra-altaica. Dispara léxico sua Labov e... schleicher! Mit uma bala derrideira bem no núcleo coracional do bandido, que gíria abruptamente e stambbau na choms, jafético. Harris estava extinto. Seus comparsing, sentindo-se total mente e corpo não-significantes diante do poder de fogo de Lee e das outras coisas perigosas dos crioulos, fogem, assindéticos.

Estava lá o corpus extended no grounding, o sinotibetano sonando a dobra phonebre, e Gina, não-sensível ao cadavram, corre pra abraçar o amado. Ofertando a bocadela ao órgão da linguagem do velho caubopp, a bela müller saussure, langacker: “Benja mim, Lee amorf, benja mim!” Consensual, Lee Queen Stick entrega-se ao romance com Antropoula Gina, e como o amor é uma viagem, os corpora logos mesclam-se em cópula. Fim da História. Glottal stop



UMA AMERICANA CONTRA O DINHEIRO

**SUSAN ANDREWS DISSE EM BELO HORIZONTE QUE A FARRA
CONSUMISTA NORTE-AMERICANA VIVE UM MOMENTO CRÍTICO.
É UMA BOMBA RELÓGIO PRESTES A EXPLODIR**

CARLOS ALBERTO CÂNDIDO*

A doutora Susan Andrews é uma americana atípica. Ela corre o país dizendo aos brasileiros: não sejam como nós, nosso modelo está falido, o império americano declina. A dra. Susan quer acabar com o dinheiro que não traz felicidade, quer que as pessoas consumam menos e amem mais. Por isso acredita que a civilização do novo milênio está em gestação no Brasil, onde o povo é afetuoso de natureza. Há 13 anos ela criou uma ecovila auto-sustentada em Porangaba, interior de São Paulo – o Parque Ecológico Visão Futuro. Seu objetivo: oferecer um modelo prático de vida social e economicamente equilibrada, em harmonia com o planeta, e que possa ser replicado em toda parte. “Se existe algum lugar no mundo para se manifestar essa nova civilização gloriosa é aqui”, enfatiza, na sua voz mansa.

“Vocês têm um tesouro, não o tesouro do petróleo ou de algum bem material, mas a riqueza do coração, que é aquilo de que o mundo mais precisa”, pregou a dra. Susan em palestra realizada em Belo Horizonte, em março, para um auditório lotado, na sede da UNA. O tema: “Conexão do coração: vivendo com simplicidade e verdadeira riqueza”. Susan Andrews é monja, além de psicóloga e antropóloga, autora de 12 livros, mas sua pregação não se baseia apenas em fé. Ela cita dados econômicos para afirmar que o modelo hegemônico norte-americano é insustentável.

“A farrá consumista americana é sustentada por hipotecas, que aumentaram em cinco bilhões de dólares nos últimos anos. O déficit americano é de oitocentos bilhões de dólares. Jamais na história a nação acumulou tanta dívida”, argumenta. “Os americanos estão endividados até o topo da cabeça, estão gastando dois bilhões de dólares por dia com dinheiro que não têm”, ressalta. Os credores americanos são os japoneses e os chineses. “Vivemos um

momento crítico. Há uma tempestade no horizonte, uma bomba relógio prestes a explodir”, adverte Susan.

Para a monja antropóloga, que viveu 30 anos na Índia e no sudeste asiático, conhece 40 países e fala 11 línguas, o sonho americano está se tornando um pesadelo. “A qualidade de vida do povo é mais importante do que a riqueza monetária”, prega Susan Andrews, citando como referência um modelo nacional antagônico ao americano, experimentado por uma pequena nação asiática, Butão, que foi notícia mundial ao proibir a venda de tabaco, em dezembro de 2004. Os líderes do curioso país, aonde a televisão só chegou em 1999, baseiam sua política econômica não no produto interno bruto (PIB), mas na felicidade interna bruta (FIB).

“O que é que traz felicidade?”, pergunta a psicóloga. “O fator chave é a sensação de conexão com outros seres humanos”, responde. Pesquisas apontam que o fator mais importante para a saúde é o amor: amar e ser amado. “Os solitários têm cinco vezes mais chances de morrer cedo, não existe doença que mate mais do que a solidão”, diz Susan. A rotina de ganhar e gastar, ganhar e gastar, cada vez mais, em ciclos sucessivos e infinitos, modelo no mundo contemporâneo, nos deixa sem tempo para a convivência. Daí a sensação de vazio denominada “síndrome de metrópole”: a solidão no meio da multidão.

O prazer do consumismo é enganador. Quando vamos a um shopping fazer compras, sentimos uma pequena sensação de euforia, provocado pela dopamina, um neurotransmissor. Acontece que a ação dessa substância se esgota com rapidez e depois que ela passa, a pessoa fica apática, desanimada. “Para recuperar o bem-estar é preciso voltar à loja e comprar mais”, explica Susan Andrews. Se consumir fizesse tão bem, como explicar que um quarto dos americanos sofrem de transtornos mentais, pergunta a psicóloga. Ela acrescenta, porém, que o corpo humano produz também uma substância capaz de proporcionar bem-estar permanente: a ocitocina.

A ocitocina é um hormônio liberado pela glândula pituitária e está ligada a comportamentos reprodutivos: o sexo, o parto, a amamentação. Durante a amamentação, por exemplo, o nível de ocitocina é elevado; quando se está triste, ele baixa. A ocitocina alivia o estresse. “Mais convivência significa mais ocitocina”, explica Susan. Mais ocitocina significa mais saúde.

Mais uma vez Susan Andrews recorre à ciência para analisar a “bioquímica da felicidade”. Os cientistas ocidentais estão descobrindo agora o que os sábios indianos já sabiam há cinco mil anos: o chakra do coração. “O coração não é uma bomba mecânica, é um campo eletromagnético mais poderoso do que o cérebro, que emite ondas a cinco metros de distância, é um sistema sofisticado de receber e processar informações, independentemente do cérebro”, diz

**O PRAZER DO CONSUMISMO É
ENGANADOR. QUANDO VAMOS FAZER
COMPRAS, SENTIMOS UMA SENSÇÃO
DE EUFORIA, PROVOCADO PELA
DOPAMINA. ESSA SUBSTÂNCIA SE
ESGOTA COM RAPIDEZ E A PESSOA
FICA APÁTICA. PARA RECUPERAR
O BEM-ESTAR É PRECISO VOLTAR
À LOJA E COMPRAR MAIS**